

# **REFLEXÕES DAS MEMÓRIAS NACIONAIS E ESPERANÇA DE SALVAÇÃO (SL 77)**

Antônio de Jesus Silveira Leite

O imaginário constitui o espaço no qual expectativas são geradas e lembranças vêm à tona, produzindo em seus expectadores a esperança de que a situação em que se encontram pode ser mudada. Logo, a memória de um povo pode ser transmitida através de gerações com o intuito de preservar seus mais importantes acontecimentos, não importando o lugar em que seus receptores se encontrem, sendo que o primeiro acontecimento libertador será o mais comemorado pelas comunidades.

A proposta do presente artigo é a apresentação do Salmo 77 como possuidor de características memoriais e salvíficas para o povo de Israel, o qual, segundo o salmista, encontra-se necessitado da ação divina libertadora. Para o entendimento da presente investigação, serão necessários os seguintes passos: I) a identificação da estrutura do texto; II) comentário de suas divisões e subdivisões; III) composição e relações; IV) conclusão e uma bibliografia básica para tal investigação.

## **1. Estrutura**

O salmo 77 possui uma estrutura que obedece a seguinte forma:

A. Título: v.1.

B. Lamentação: v. 2-11

1. Oração: v. 2-3
2. Reflexões: v. 4-7
3. Questionamentos: v. 8-10
4. Conclusão da lamentação: v. 11

C. Hino: v. 12-21

1. Reflexões: v.12-13
2. Declaração das grandezas de Deus: v. 14-16
3. Teofania e memórias do êxodo: v. 17-20
4. Conclusão do hino: v. 21.

## 2. Comentário do texto

O salmista inicia seu texto com uma breve introdução (v. 1) e segue uma descrição do infeliz estado em que se encontra. Refletindo essa situação, o salmista, na primeira parte de sua composição, lamenta. No início do verso 2 aparecem dois personagens principais: o salmista que através de sua voz “grita”, e Deus “ouve” o grito de seu suplicante. O que leva o salmista a introduzir sua oração, fazendo uso duas vezes da expressão “minha voz”? Tudo indica que é um estado de profundo desespero e angústia no qual somente seu Deus pode ajudá-lo. A situação começa a ser expandida no verso 3 quando é afirmado que “no dia da angústia eu procuro o Senhor” e novamente surge a pergunta: o que para o salmista representa tal angústia, haja vista que no mesmo versículo encontra-se outro elemento chave, ou seja, a noite? Agora, encontramos neste questionamento, no qual existe uma descrição de suas noites e seu tormento, onde o salmista estende suas mãos e recusa ser confortado. Poderíamos seguir algumas hipóteses para procurar a causa deste sofrimento e tentar localizar no texto palavras chaves ou elementos materiais para nossa resposta. Uma destas hipóteses seria o elemento “noite” como habitação de espíritos do mal. Essa era uma lenda dos povos mesopotâmicos, os quais pensavam que os espíritos do mal vagueavam pelo deserto e pela noite afora para provocar o mal e o tormento nas pessoas. Tal cena pode ser vista no texto de Ex 12, onde Iahweh envia o anjo da morte à noite. O mesmo passa pelas casas à procura dos desprotegidos pela magia do sangue do carneiro. No sentido desta primeira hipótese, o texto nada afirma a respeito de alguma entidade espiritual e tão pouco faz referência nestes versículos a algum mito. Logo, tal hipótese pode ser desconsiderada.

Outra hipótese aponta para alguém que está longe de sua terra natal e de seu templo, e no fundo de sua alma anseia pelo contato com o sagrado e a figura mais representativa para ele, a saber, seu Deus. Esta hipótese parece mais correta ao caminharmos para os versos seguintes.

Seguindo para a próxima subdivisão, podemos concentrar nossas atenções para um início das reflexões contidas nos versos 4-7. O descontrole do salmista continua com seu gemido perante a recordação de seu Deus (v. 4), e mais uma vez aparece o sentido duplo das palavras: ele lembra e geme, medita e seu “respirar vacila”. O único que consegue ajudar o salmista é seu Deus (v. 5), “segurando” suas pálpebras e, nem mesmo assim, esta ajuda pode deixá-lo despreocupado, pois ainda continua perturbado e sem poder de voz. Sua meditação se intensifica a tal ponto que nos versos 6-7 aparecem três verbos de reflexão: penso, recordo e medito. Mais uma vez, a palavra “noite” aparece no texto como sinal de sofrimento e murmúrio servindo de entrada para a próxima parte de sua queixa.

Neste ponto a reflexão do salmista transforma-se numa série de questionamentos a respeito do Senhor e de suas atitudes. Perguntas carregadas de um conteúdo profundo da história de Israel são apresentadas num tom inquietante. As primeiras perguntas dizem respeito à rejeição do Senhor (v. 8), vista como um fato duradouro e desfavorável. Neste sentido, o salmista pode estar se lembrando de fatos passados nos quais o Senhor elegera Israel e se tornara seu eterno guardião, mas agora voltara suas

“costas” para a nação. As perguntas seguintes (v. 9-10) aparecem no mesmo ritmo de lembranças passadas e as expectativas deste Deus tão amoroso, piedoso e de promessas, Essas são a base na qual o salmista sustenta sua fé. O resultado destes questionamentos encontra-se no verso 11 com a sentença condenatória da mudança da destra do Altíssimo.

Agora, ao iniciarmos a segunda parte deste salmo é importante ressaltar alguns tópicos já vistos: o salmista inicia com uma oração, seguida de reflexão, desemboca em questionamento e conclui com uma sentença. Por que tais tópicos são importantes? A seqüência do salmo mostrará que os elementos, até então levantados, assumirão, a partir de agora, uma nova dimensão da crença no Deus de Israel, e poderemos entender e responder a pergunta do porque o salmista estava aflito na noite.

O tema da reflexão retorna neste salmo (v. 12) com um significado diferente do apresentado no v. 4-7 pelo salmista, sendo que a lembrança dos atos de Iahweh recebe uma nova tonalidade, ou seja, suas “maravilhas de outrora”. A personalidade de Deus agora recebe um nome pelo qual era conhecido nas tradições primevas de Israel: o Deus que tirou Israel do Egito e o fez habitar na terra prometida. O Deus sempre presente em Israel é lembrado por suas façanhas e pelas obras de suas mãos, gerando no salmista uma meditação mais profunda, o que pode ser visto no duplo emprego do verbo “meditar” (v. 13).

Mas como podemos entender ou nos aproximar de uma compreensão do que seja esta profunda reflexão do salmista? O entendimento dos versos seguintes será de suma importância e para tal aplicaremos um recurso comparativo de palavras, as quais aparecerão num outro texto bem conhecido da história do Pentateuco, senão um dos mais significativos: Ex 15.

Para tal empresa demonstraremos como o pensamento do autor emprega as figuras de linguagem e simbolismos contidos no referido texto, seguindo abaixo uma lista de paralelos:

Êxodo 15	Salmo 77
v. 2 minha força <i>ozzy</i>	v.15 tua força <i>zk</i>
v. 5 o abismo <i>tehomot</i>	v.17 = (o mesmo)
v.11 quem é igual a ti, magnífico em santidade <i>baqodesh</i>	v.14 que deus é grande como Deus teu caminho é santo <i>bqds</i>
v. 13 levaste ( <i>nahîta</i> ) em amor este povo que redimiste <i>'am ga'alta</i>	v.21 = levaste teu povo v. 16 = (o mesmo)
v. 14 os povos ouviram falar <i>'ammîm</i>	v.15 mostrando as nações <i>ba'ammîm</i>
v. 16 a grandeza de teu braço <i>zero'aka</i>	v.16 com teu braço
v. 4.8.10 o mar <i>yam</i>	v.20 pelo mar
v. 8,10 águas <i>mayim</i>	v.17,20 = águas

Encontramos, nestes paralelos, a seqüência com a qual o salmista desenvolverá seu pensamento a partir de agora. No verso 14, a primeira referência para o Deus libertador de Israel é o atributo de santidade, aparecendo em meio a uma pergunta comparativa entre os deuses e Deus. Mais uma vez, esta pergunta é seguida da resposta de que somente o Deus de Israel é aquele que opera maravilhas e que mostra “sua força às nações”, uma vez que Israel não aceitava adorar outros deuses senão aquele que liberta o oprimido de seu opressor. Neste ponto cabe uma pergunta: poderia este elemento material do texto, ou seja, a lembrança do Deus que liberta o oprimido, indicar-nos o lugar onde se encontra o salmista? Esta hipótese pode ser provável, pois, no verso 16, o mesmo relembra a tradição de Jacó e José, reportando-se ao Egito, local em que o povo estava desterrado e sob regime de corvéia. A conotação que o autor nos dá parece um tempo de aflição e de necessidade deste Deus libertador.

Em meio a esta meditação e lembrança inicia-se uma nova subseção repleta de fenômenos naturais, batalhas cosmogônicas e uma teofania da passagem do Mar dos Juncos. No verso 17 podemos encontrar traços de mitos cosmogônicos da criação do mundo, segundo a cosmogonia das culturas mesopotâmicas, nos quais as águas representam o caos instaurado e somente os deuses podem conter este caos, criar um mundo organizado e ordenar poderes e autoridades a outros deuses e homens.<sup>1</sup> Diante deste fato, é necessário lembrar que a referência do salmista era, como ele mesmo diz, nas façanhas do Deus de santidade o qual é encontrado no Gênesis. O derramamento das águas das nuvens e o surgimento de trovões (v. 18) reportam, mais uma vez, aos mitos Ugaríticos, nos quais Baal era o senhor das nuvens e somente quando o mesmo caminhava sobre elas é que apareceriam as chuvas e o trovão. O texto prossegue com a batalha cósmica da criação do mundo. Os eventos naturais resultantes de tal batalha chegam ao ponto de agitar e estremecer a terra (v. 19). Parece que a mensagem do salmista é esta: Neste cenário de demonstração do poder de seu Deus contra o caos e, por conseguinte, contra seus inimigos, surge o evento do milagre da travessia do Mar dos Juncos (v. 20), que atesta a libertação do povo de Deus quando o mesmo se encontra oprimido e afligido pelos inimigos. O fechamento desta segunda parte e do Salmo 77 é uma belíssima afirmação da direção de Deus para seu povo através de dois personagens históricos Moisés e Aarão. Interessante notar é que, no evento da passagem pelo mar, o povo inflama-se contra Moisés, encarregado por Deus de estender sua vara para a abertura do mar. Isso é um indício de um possível elemento material para a datação histórica neste texto: por que aparece a figura de Aarão, representante de uma classe sacerdotal, no final deste salmo?

### 3. Composição e relações

A composição é realizada através de dois temas, que podemos chamar de duas partes principais.

1. Cf. Greenfield, Jonas. *A bíblia hebraica e a literatura cananéia*. p. 596-597. In: Alter, Robert & Kermode, Frank. (org.). (1997). *Guia Literário da Bíblia*. São Paulo: Editora UNESP. Cohn, Norman. (2001). *Cosmos, caos e o mundo que virá: As origens das crenças no Apocalipse*. São Paulo: Companhia das letras.

A primeira parte chamamos de lamentação e compreende os versos 2-11. Após uma entrada enfática no assunto (v. 2) sucede um grupo descritivo, definido pela repetição de *layelah* (noite) e *zakar* (lembrar, recordar), nos versos 4 e 7. Segue um trio de perguntas profundas a respeito de Deus, com a repetição da interrogativa “acaso” (v. 8-10). Encerra-se no verso 11 com um suspiro de conclusão em resposta a primeira parte da composição.

A segunda parte, chamamos de hino de exaltação e memórias do êxodo que compreendem os versos 12-21. Os dois primeiros versos (v. 12-13), com sinônimos (lembro, meditarei), formam uma introdução genérica da lembrança do salmista em relação aos feitos de Deus. Os três versos seguintes referem-se à libertação do Egito (v. 14-16). Quanto aos versos restantes (v. 17-21), eles descrevem a passagem do mar de juncos como uma teofania.

Mas como estes dois temas podem conceber uma unidade para o salmo?

Existem algumas pistas deixadas pelo redator neste salmo. A primeira é encontrada baseando-se na recordação, a repetição de *zakar* (lembrar, recordar) nos versos 4, 7 e 12, servindo de base para agravar por contraste a pena presente. Poderia ser esta uma pista do exílio, em que o autor relembra os tempos antigos dos quais contavam as proezas de Deus? A segunda baseia-se na meditação, a repetição de *'asîhah* (meditar) nos versos 7b e 13b. O mais importante sinal estilístico para a união deste salmo foi colocado pelo redator nos versos 2ab. 18 e 19 aparecendo à palavra *qol* (voz).

#### 4. Conclusão

O salmo 77 reflete, em primeiro lugar, o profundo sofrimento do salmista, porque Iahweh se esqueceu e abandonou seu povo. Todas as idéias giram em torno de Israel. Com grande dificuldade e sem consolo, o salmista, espera com certeza a salvação, sem, contudo ouvir Deus, que cada vez parece mais longe e oculto.

Mas no salmo acontece uma mudança imediata, quando o que se lamenta decide evocar os atos prodigiosos realizados por Deus em meio ao seu povo (v. 12-21). A confissão de que todos os caminhos de Deus são santos (v. 14) brota, não da consciência da distância que separa do “Deus escondido” (*deus absconditus*), mas antes do encontro com os grandes milagres e obras do “Deus que se revela” (*deus revelatus*). À vista das maravilhas que Deus operou, já não pode haver dúvida sobre a fidelidade salvífica de Deus. O tema da santidade é lembrado como diferencial entre seu Deus e outros deuses, sendo que a santidade é aquela perfeição que determina e dá fundamento a toda a conduta de Deus com respeito a Israel. O Deus que caminhou com Moisés é o mesmo que atuará novamente em seu povo, libertando-o das aflições da noite e dos momentos de servidão.

## Referências bibliográficas

- Alonso Schökel, Luis e Carniti, Cecília. *Salmos II: (Salmos 73-150) – tradução, introdução e comentário*. São Paulo, Paulus, 1998.
- , *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo, Paulus, 1997.
- Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*, São Leopoldo, Sinoldal-Vozes, 1987.
- BHS*, Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart, Alemanha, 1977.
- Bíblia de Jerusalém*, 7ª Edição, São Paulo, Paulus, 1995.
- Cohn, Norman. (2001). *Cosmos, caos e o mundo que virá: As origens das crenças no Apocalipse*. São Paulo: Companhia das letras.
- Alter, Robert & Kermode, Frank. (org.). (1997). *Guia Literário da Bíblia*. São Paulo: Editora UNESP.
- Kraus, Hans-Joachim. *Los salmos 60-150*. Biblioteca de Estudios Bíblicos, nº 54. Ediciones Sigueme, Salamanca, 1995.
- Nova Vulgata*, Librería Editrice Vaticana, Cittal Del Vaticano, 1998.
- Owens, John Joseph, *Analytical Key to the Old Testament*, Volume 1, Grand Rapids, 1995.
- Santa Bíblia*, Sociedades Bíblicas Unidas, Espanha, 1960.
- Gerstenberger, Erhard S. *Psalms*, Part II, Grand Rapids, Michigan, 1987.